

EDUCAÇÃO FINANCEIRA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: UM OLHAR PARA A FORMAÇÃO DOCENTE

Anaelize dos Anjos Oliveira*
Cristiane Azevêdo dos Santos Pessoa**

Resumo

O presente artigo, tratando-se do recorte de um estudo maior, propõe-se a analisar o processo de formação continuada acerca da Educação Financeira (EF) ofertada aos professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental. O método consistiu em entrevistas semiestruturadas com duas professoras que participaram da formação. Os resultados evidenciam limitações no processo de formação continuada, baseando-se apenas na discussão de orçamentos e na apresentação de livros didáticos e paradidáticos de EF. A ênfase do trabalho girou em torno do ensino de conhecimentos econômico-financeiros com orientações sobre como obter, usar e poupar dinheiro. Ressaltamos a necessidade de ampliação das discussões referentes à EF no âmbito dos processos de formação de professores, não restringindo o processo a finanças pessoais, muito menos direcionando a prática docente ao ensino de como os alunos devem agir.

Palavras-chave: Educação Financeira. Formação docente. Ensino Fundamental.

INTRODUÇÃO

A Base Nacional Comum Curricular – BNCC (BRASIL, 2017), atual documento de orientação curricular em nosso país, confere à Educação Financeira (EF) a condição de tema integrador para o ensino das diversas áreas do conhecimento. Assim, temáticas como a EF são contempladas em habilidades de todos os componentes curriculares, cabendo aos sistemas de ensino e às escolas, de acordo com suas possibilidades e especificidades, tratá-la de forma contextualizada.

Segundo a BNCC, a EF fornece subsídios para que a escola, diante do significativo alcance da informação por meio das novas tecnologias e do apelo desenfreado ao consumo, reflita sobre seu papel em relação à formação de crianças e adolescentes para enfrentar a realidade de uma sociedade em permanente transformação. Nesse contexto, ter conhecimentos que ajudem o estudante a lidar com as diferentes situações financeiras, a ponderar suas possibilidades de escolha em momentos de compras, a se tornar mais crítico diante do excesso de “facilidades” apresentadas pelas propagandas, demonstra, cada vez mais, a pertinência do desenvolvimento de práticas de ensino de EF.

* Mestre em Educação Matemática e Tecnológica pela Universidade Federal de Pernambuco - UFPE. E-mail: anaelizeoliveira89@gmail.com

** Doutora em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco - UFPE. Professora adjunta do Departamento de Métodos e Técnicas de Ensino e da Pós-graduação em Educação Matemática e Tecnológica – UFPE. E-mail: cristianepessoa74@gmail.com

Ainda segundo este documento, é direito de aprendizagem do estudante se constituir como indivíduo bem informado, com capacidade para desenvolver o diálogo, analisar posições contrárias, respeitar decisões coletivas para resolução de conflitos, ter consciência de seus direitos como cidadão e se posicionar criticamente em busca de sua defesa, inserindo-se, assim, como sujeito participante em seu contexto social e político.

Com o objetivo de desenvolver e implementar programas de EF no país, o governo brasileiro estabeleceu como política pública a Estratégia Nacional de Educação Financeira – ENEF (BRASIL, 2010). No Brasil, os programas promovidos pela ENEF para a inserção da EF nas escolas partem das recomendações da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE). Assim, a Educação Financeira Escolar (EFE) defendida pela ENEF vem objetivando educar crianças e adolescentes para lidar com o uso do dinheiro de maneira consciente, de modo a desenvolver hábitos e comportamentos desejáveis.

Sobre as orientações para a inserção da EF na escola, Campos (2012) aponta que:

É fundamental que orientações para a inserção da Educação Financeira na Educação Básica sejam analisadas com mais profundidade, buscando perceber quais são seus reais objetivos. Por trás de ações que aparentemente buscam contribuir para a formação financeira dos indivíduos podem existir interesses maiores, como a busca de alternativas para que os consumidores não atinjam a inadimplência, mas continuem atendendo aos apelos do consumo e permaneçam dentro de limites aceitáveis de endividamento (CAMPOS, 2012, p. 40).

Em consonância com Campos (2012), consideramos a proposição de políticas públicas que buscam promover a inserção da EF no ambiente escolar um aspecto muito positivo; no entanto, não podemos aceitar suas orientações sem nenhuma reflexão, tendo em vista a influência de diversos setores da sociedade (além da educação), como o setor financeiro, representado pelos bancos.

A discussão sobre a recente inserção da EF no ambiente escolar nos remete a um ponto muito importante nesse processo: a formação docente. Compreendemos que as novas demandas sociais, a necessidade de mudança de paradigma, o enfrentamento das dificuldades perante um novo conhecimento a ser ensinado geram barreiras e inseguranças de que a formação, seja ela inicial ou continuada, precisa dar conta, para que, assim, sejam oportunizadas, no âmbito da sala de aula, discussões pertinentes para a compreensão da temática pelos alunos. Diante disso, o presente estudo objetiva analisar o processo de formação continuada acerca da EF ofertada a professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental.

1. FORMAÇÃO DOCENTE E A EF: ESTUDOS ANTERIORES

Neste tópico, serão apresentados estudos que tratam da formação do professor no que se refere à EF, de modo a perceber como estão sendo propiciadas as reflexões sobre a temática para o ensino em sala de aula.

Sá (2012) investigou a Matemática Financeira no contexto dos cursos de Licenciatura em Matemática no Brasil em uma perspectiva de análise crítica e reflexiva. O pesquisador buscou questionar o papel de uma formação docente com currículo formal, com conteúdos e atividades distanciados da realidade para a construção de uma identidade docente. Para isso, o pesquisador utilizou como metodologia entrevista com docentes e coordenadores de seis instituições de Ensino Superior (públicas e privadas), análise dos projetos político-pedagógicos e das matrizes curriculares destas instituições, bem como análise de documentos relacionados à formação de professores de Matemática e de livros didáticos para o Ensino Médio.

O pesquisador discute a importância da Matemática Financeira para uma inserção do indivíduo

de forma mais crítica na sociedade, apontando que o cidadão necessita da capacidade de leitura e interpretação de informações por meio de distintas formas de linguagem matemática. A inserção de conteúdos de Matemática Financeira, segundo o pesquisador, pode ampliar as possibilidades de contextualização, permitindo relacionar diversos conteúdos e temas (como a EF) presentes na Educação Básica desde os anos iniciais do Ensino Fundamental.

Sá (2012) vem em defesa da formação docente em uma perspectiva da Educação Matemática Crítica, que busca trazer discussões acerca dos problemas transversais à escola – democracia, cidadania, trabalho e consumo, dentre outros, sobre as possibilidades que a Matemática Financeira oferece para ajudar na compreensão de questões atreladas a essas temáticas.

Em relação ao tema consumo, o pesquisador aponta que:

Um professor pode discutir e analisar com seus alunos sobre propagandas enganosas, compras financiadas, cartões de crédito, endividamento, cheques especiais, procurando apontar vantagens e desvantagens para os consumidores sob a luz da Matemática subjacente a todas essas temáticas. Entretanto, para esse tipo de trabalho docente é necessário haver uma formação de professores adequada e que a Matemática Financeira, com características especiais, seja uma das disciplinas da matriz curricular (SÁ, 2012, p. 27).

Como resultado das análises das disciplinas que constituem a maioria das matrizes para essas licenciaturas, Sá (2012) constata que nenhuma (ou quase nenhuma) das disciplinas obrigatórias, ou mesmo optativas, fornece melhores condições para o questionamento crítico da realidade e para o preparo político e democrático dos alunos/cidadãos do que a Matemática Financeira.

Sá (2012) ainda reflete que a simples existência de disciplinas que abordem a Matemática em um viés pedagógico e a inclusão da Matemática Financeira

(em 30% dos cursos) é insuficiente para enriquecer a formação do professor de Matemática e faz uma crítica:

Há necessidade de se rever quem são os formadores de professores de Matemática para atuarem na Escola Básica. Temos encontrado astrônomos, astrofísicos, engenheiros, físicos e economistas ministrando disciplinas da área de Educação Matemática para futuros professores da Escola Básica, sem terem, no entanto, frequentado, como docentes, alguma sala de aula desse nível de ensino (SÁ, 2012, p. 132).

Chiarello (2014) evidencia, em um processo de formação continuada, como professores da Educação Infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental compreendem a possibilidade de promover uma Educação Financeira Crítica em sua prática de ensino. A proposta de trabalho contou com 22 professores e foi organizada em encontros para estudos, debates, avaliação das atividades desenvolvidas, elaboração de novas atividades. A formação foi distribuída em três eixos: *Conhecendo o dinheiro*, *Usando o dinheiro* e *Gerando o dinheiro*, apresentando suporte teórico da Educação Matemática Crítica (EMC).

A pesquisadora argumenta que pensar na formação de professores remete a pensar em práticas coletivas, de rede; sobre isso, aponta que a ideia de rede nos desafia a pensar uma EF que tenha preocupações com a solidariedade e as noções de cidadania, sugerindo alguns temas para isso:

A função do dinheiro; a percepção dos desejos x necessidades; a noção do caro x barato; o consumismo; a sustentabilidade; a ética nas relações; a responsabilidade social; a autonomia dos sujeitos para tomada de decisões; a justiça social etc. (CHIARELLO, 2014, p. 33-34).

Chiarello (2014) reflete que os educadores não precisam mapear receitas para que os alunos aprendam a se educar financeiramente, mas sim possibilitar entendimentos sobre suas relações com o dinheiro, bem como estimular a importância de traçar sonhos.

A pesquisadora aponta certa insegurança por parte dos professores quanto à preparação de novos ambientes de aprendizagens que fazem com que eles saiam do que ela denomina de *zona de conforto*. Ela então observa que “deslocar sua prática para um espaço dialógico de situações imprevisíveis, de questões e problemáticas que emergem dos estudantes, para os quais podem não ter respostas é um desafio, é um movimento para uma zona de risco” (CHIARELLO, 2014, p. 108).

Sobre o trabalho docente, Chiarello (2014), apoiada em Skovsmose (2000), aponta que possibilitar novos ambientes de aprendizagem para o aluno, por exemplo, os cenários para investigação¹, pode causar muitas incertezas ao professor. Em um cenário para investigação, o professor precisa estar preparado para enfrentar perguntas que podem não ser facilmente respondidas, não podendo prever quais questões podem aparecer. Contudo, destacamos que, para se pensar em uma Educação Financeira Crítica que possibilite ao aluno agir em seu processo de aprendizagem e ir construindo, nesta ação, uma consciência crítica e reflexiva, o movimento entre os diferentes ambientes se faz necessário.

Souza (2015) investigou uma proposta de formação continuada para professores da Educação Básica sobre a EF na escola como parte de se educar matematicamente os alunos deste nível de ensino. O curso de formação em nível de especialização *Lato Sensu*, teve como objetivo a formação de 17 professores para serem agentes na inserção da EF no ambiente escolar e no ensino de Matemática.

O curso teve a duração de dois semestres e contemplou disciplinas de 45h, como *Educação Financeira e sociedade do consumo*, *Ideias fundamentais da Educação Financeira Escolar*, *Educação Financeira e Matemática Financeira*, *Questões atuais*, *Seminário de Educação Matemática I*, entre outras. A dinâmica das formações partiu de discussões sobre as propostas de EF no currículo brasileiro e de outros países em tarefas de associação da EF com temas presentes no currículo, por exemplo.

Souza (2015), ao final de cada semestre, realizou entrevistas para avaliar a proposição do curso e assim poder construir, a partir das lacunas observadas, uma nova proposta. A pesquisadora elenca alguns pontos positivos do curso, segundo entrevistas com os professores cursistas: 1) a construção de planejamento financeiro e as discussões sobre o consumismo; 2) a diferenciação entre EF e Matemática Financeira; 3) a compreensão mais aprofundada de produtos financeiros.

Diante dos pontos apresentados, Souza (2015) vem propondo alguns avanços necessários para um novo curso de formação de professores acerca da EF, a saber:

- a) O curso pode se estruturar por disciplinas. Porém, elas não devem possuir dissociação entre si, isto é, cada assunto discutido em uma delas poderá ser completado ou ampliado nas outras disciplinas;
- b) As disciplinas devem tratar temas atuais e discutir temas financeiros e sociais do cotidiano dos professores;
- c) As disciplinas devem incentivar a produção de significados dos professores através de metodologias de ensino que envolvam a problematização, a resolução de problemas, a investigação e as discussões como formas de abordar os temas financeiros reais e cotidianos;
- d) O curso não deve se reduzir a discutir finanças pessoais – como muitos cursos analisados – mas deve ser mais abrangente em sua proposta, apresentando as dimensões familiares e sociais em seus temas de discussão [...] (SOUZA, 2015, p. 99).

Assim, o curso promoveu, em um primeiro momento, discussões com diversos temas da EF; no segundo momento, foram apresentadas as propostas de ensino de EF pelos pesquisadores da UFJF e início da preparação para monografia. No terceiro momento, os professores produziram as monografias com foco na EFE.

De um modo geral, neste tópico, foi percebida uma preocupação no que diz respeito à formação inicial e continuada dos professores em refletir de forma crítica sobre a EF no processo de ensino, embora a abordagem de temáticas como a EF em cursos de formação seja ainda muito reduzida.

2. PERCURSO METODOLÓGICO

O presente estudo refere-se a um recorte de um estudo maior e tem como objetivo analisar o processo de formação continuada acerca da EF ofertada a professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Participaram deste estudo duas professoras, sendo uma do 4º ano e outra do 5º ano de uma escola da rede privada da cidade do Recife.

Foi realizada uma entrevista semiestruturada com cada participante com o objetivo de compreender como se deu o processo de formação continuada e sua contribuição para a prática docente². Para isso, foi elaborado previamente um roteiro com perguntas que nortearam as entrevistas. O roteiro é apresentado no Quadro 1, a seguir.

<p>Eixo 1: Formação e experiência docente</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Qual a sua idade? 2. Qual a sua formação? 3. Há quanto tempo se formou? 4. Possui pós-graduação? De que tipo? Especialização, Mestrado ou Doutorado? Se sim, em qual área? 5. Atua em outra rede de ensino? Se sim, qual? 6. Há quanto tempo atua como professor? 7. Qual o ano escolar que leciona?
<p>Eixo 2: Formação sobre Educação Financeira</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Houve formação referente ao trabalho com a EF? Se sim, responda: 2. Período e duração; 3. Conteúdos trabalhados; 4. Disciplinas trabalhadas; 5. Temáticas trabalhadas; 6. Materiais utilizados. 7. Em que contribuiu para sua formação? 8. Houve aspectos positivos? Se sim, quais? 9. Houve aspectos negativos? Se sim, quais?

Quadro 1 – Roteiro de entrevista semiestruturada para as professoras

Fonte: Própria

A análise dos dados foi feita de forma qualitativa, descrevendo e analisando as respostas das participantes a partir das entrevistas e estabelecendo relações com o que vem sendo discutido em pesquisas sobre EF e formação docente.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Neste tópico, será apresentado, discutido e analisado o processo de formação continuada sobre EF vivenciado pelas participantes. No Quadro 2, apresentamos algumas características gerais das participantes com relação à sua formação e atuação docente.

Código das participantes ³	P1	P2
Idade	24 anos	33 anos
Formação	Pedagoga com especialização em Gestão Educacional em espaço escolar e não escolar.	Pedagoga com pós-graduação em Pedagogia Empresarial e Psicomotricidade Relacional.
Tempo de atuação na área de educação	8 anos	11 anos
Ano de ensino que leciona	4º ano	5º ano

Quadro 2 – Características gerais das professoras participantes

Fonte: Própria

Como pode ser observado no Quadro 2, as professoras participantes têm formação e especialização na área educacional e já possuem uma prática consolidada pelo tempo de atuação docente. Acreditamos ser pertinente conhecer alguns aspectos da trajetória profissional das participantes, pois pode nos ajudar a compreender possíveis posicionamentos diante da formação vivenciada.

A formação continuada sobre EF faz parte de um programa sobre educação financeira nas escolas, promovido por uma empresa privada, que consiste no fornecimento de livros didáticos e paradidáticos específicos de EF e formação acerca da temática.

O processo de formação teve início um mês antes do trabalho com os alunos e mais cinco meses como forma de aprofundar e acompanhar o trabalho, tendo a duração de seis meses organizados em encontros mensais.

Inicialmente foi realizado um levantamento dos gastos mensais empreendidos pelas professoras por meio da entrega de uma caderneta no mês que antecedeu a formação. Durante os encontros, as informações, cedidas pelos professores, de seus gastos mensais foram utilizadas com o intuito de promover reflexões partindo da realidade delas. Tomando esse dado como referência, questionamos se houve, durante a formação, algum direcionamento que apontasse práticas e/ou comportamentos desejáveis e indesejáveis frente às finanças. A participante P1 afirma que não foi traçado um perfil certo ou errado, mas apresentada a reflexão de que alguns hábitos geram consequências muitas vezes desagradáveis. Ela comenta:

Não tem como traçar um perfil na EF, você é correto ou você é incorreto, porque não adianta acumular riquezas e viver frustrado, infeliz. Eu acho que vai mais da realização pessoal, se você compra uma roupa e vai colocar a cabeça no travesseiro e dormir bem, você não vai se importar. Quem sou eu para julgar? O importante é se sentir bem e não prejudicar ninguém. Acho que precisamos equilibrar o gastar e o economizar (P1).

A fala da P1 é bem pertinente, pois remete à compreensão de fatores que influenciam nossas práticas de consumo, como aspectos emocionais. Fatores estes que nos direcionam a consumir determinado produto pela sensação de bem-estar que ele nos fornece.

Segundo Gonçalves e Cescon (2013), a esperteza do *marketing* consiste em verificar com que necessidade física ou com que desejo psicológico convém sintonizar para provocar outros novos. Eles observam:

As necessidades passam a dizer respeito mais aos valores do que aos objetos. A análise do processo pelo qual as qualidades simbólicas dos produtos têm frequentemente determinado a avaliação e a compra dos bens reforça a ideia de que nós, seres humanos, diante da carência afetiva, tristeza, solidão, tensão e estresse ou simples tédio, vamos às compras e, por intermédio de objetos e das marcas, consumimos dinamismo, elegância, poder, renovação de hábitos, virilidade, feminilidade, juventude, refinamento, segurança, naturalidade etc. (GONÇALVES; CESCÓN, 2013, p. 158).

Ainda sobre o questionamento acima, P1 também remete seu entendimento a questões de ética, na qual nossas escolhas precisam ser conscientes a ponto de não gerar nenhuma consequência negativa ao outro.

Para os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN (BRASIL, 1997, p. 25), “a reflexão ética traz à luz a discussão sobre a liberdade de escolha”. Ainda segundo os PCN, a ética busca interrogar sobre a legitimidade de práticas e valores aplicados pela tradição e pelo costume, abrangendo tanto a crítica das relações entre os grupos, dos grupos nas instituições e frente a elas, quanto à dimensão das ações pessoais.

Sobre a ética relacionada ao consumo, Gonçalves e Cescon (2013) apontam que “a ação de consumir, como toda atividade humana consciente, é expressão da liberdade e, por isso mesmo, entra no âmbito da ética, no campo das ações que se escolhe e que têm de ser, portanto, implícita ou explicitamente justificadas” (GONÇALVES; CESCÓN, 2013, p. 160).

Os pesquisadores refletem que a ética do consumo ultrapassa a reflexão sobre as condutas honestas ou desonestas em um sistema de mercado, é muito mais que uma ética do consumidor.

Trata de considerar um fenômeno, como o do consumo, que afeta todos os seres humanos, como um lugar privilegiado em que a economia se faz vida cotidiana e em que a vida cotidiana se economiza, com sua carga de motivações, crenças, identidades, juízos e ideais morais (GONÇALVES; CESCO, 2013, p. 163).

Na formação proposta, embora a EF tenha sido discutida em uma abordagem interdisciplinar, foi apresentado um material didático específico para o trabalho com a temática. O material didático que foi adotado pela escola para as aulas de EF, como já mencionado acima, consiste em livros didáticos e paradidáticos para o trabalho em cada ano de ensino (da Educação Infantil aos anos iniciais do Ensino Fundamental). As participantes explicitaram que, durante a apresentação do material, questionaram a organização dos livros paradidáticos, apontando o excesso de informações (texto escrito) nos livros do 1º ano, por exemplo, em comparação com o do 2º ano, que contém mais imagens. No entanto, dada a continuação da apresentação do material a ser utilizado, foi explicado que os livros possuíam uma continuidade a cada ano e não poderiam ser trocados, como foi a sugestão das professoras (o do 2º ano ser passado para o 1º ano e vice-versa). A compreensão deste fato é exposta pela participante P2.

As histórias tinham um desfecho, mas no ano seguinte continuavam utilizando o que já havia sido contextualizado no ano anterior. Por exemplo, o livro paradidático de EF do 4º ano trabalha com empreendedorismo. Então, tinha questão de abrir uma empresa, como ser um empreendedor, pensar em um produto, em uma marca. Já no livro do 5º ano, entram algumas questões da Matemática Financeira que não é necessariamente a EF (porcentagem, número decimal, tem a ver com EF, mas é da Matemática Financeira). Nos problemas, apare-

ciam conteúdos desta temática (vantagem, descontos, juros), apareciam no contexto, então para eles resolverem aqueles problemas de EF eles precisavam compreender a Matemática Financeira (P2).

Acreditamos ser bastante positiva a compreensão por parte da professora da relação entre EF e a Matemática Financeira (MF). Entendendo que a EF é uma temática relativamente recente, ainda existe por parte de um grande número de pessoas (professores e pesquisadores) a compreensão de EF e MF como sinônimos ou o trabalho com a MF afirmando ser EF. Teixeira (2015), em estudo que objetivou diagnosticar o letramento financeiro de 161 professores de Matemática que atuavam no Ensino Médio, aponta que 42% dos professores acreditavam que Matemática Financeira e Educação Financeira são sinônimos.

Ainda segundo a participante P2, apenas parte dos professores recebeu formação sobre EF; no entanto, todos trabalham a temática. A participante afirma que muitas professoras começaram a trabalhar na escola depois do período de formação. Acreditamos que não fazer parte do quadro de professores da escola no momento da formação não se configura como uma justificativa plausível, compreendendo a importância da formação continuada de uma temática nova para a prática pedagógica e para uma instituição realmente preocupada com o processo de ensino e aprendizagem.

Chiarello e Bernardi (2015) apontam que a formação continuada “representa um enfrentamento a desafios cotidianamente colocados à comunidade educacional em busca de melhor qualificação e profissionalização do professor” (CHIARELLO; BERNARDI, 2015, p. 35).

Em todo processo de formação inicial ou continuada, busca-se refletir sobre novos conceitos, práticas de ensino, recursos e estratégias que possam potencializar as aprendizagens e formas de avaliação.

Quando se pensa em formação de professores, colocam-se em pauta lógicas que atravessam

as práticas de professores, identificadas com a constituição da(s) identidade(s) e dos saberes docentes. De certa forma, há reconhecimento de que, para saber ensinar, não bastam experiência e conhecimentos específicos, mas se tornam necessários os saberes da experiência, os saberes produzidos no cotidiano docente, por meio de reflexão sobre a prática (SÁ, 2012, p. 27-28).

Na formação de EF vivenciada por P1 e P2, a reflexão sobre a temática foi introduzida partindo das finanças pessoais das participantes, como já mencionado. Sabendo disso, questionamos a importância de tal estratégia para a prática em sala de aula.

Refletir sobre sua vida financeira foi importante para trazer reflexões para os alunos na sala de aula? (Pesquisadora)

Com certeza, apesar de não citar muito sobre minha vida pessoal e financeira na aula, embora tenha 24 anos, me acho uma pessoa organizada financeiramente. Sou uma pessoa que não estou devendo, mal uso cartão de crédito, consigo usar dinheiro, comprar as coisas à vista e juntar meu dinheiro. Então, eu acho até interessante compartilhar isso com eles para poderem ver essa importância (P1).

A fala da P1 exprime seu entendimento sobre o que seria uma pessoa financeiramente educada. Uma pessoa sem dívidas, que não se rende às “facilidades” do cartão de crédito, que poupa. Podemos perceber que P1 é bastante consciente diante do uso do dinheiro, no entanto, compreendemos que a EF ultrapassa atitudes como poupar, não usar cartão ou não ter dívidas, pois ela não se limita às finanças pessoais. Não estamos dizendo que ter coerência nas ações de consumo não seja importante, no entanto, delimitar atitudes a parâmetros apenas observáveis seria engessar ou limitar o trabalho com a temática.

Durante o processo de formação não houve um trabalho voltado para conteúdos, mas para a discussão sobre o consumo (o que pode ser comprado), orçamento (como realizar e a importância de realizar), sobre poupar (o que é poupar e como se pode poupar). Embora tenham se discutido vários temas, a ideia do poupar

se sobressaía. Com relação ao poupar, acreditamos ser pertinente tecer algumas observações partindo da fala das participantes, a seguir.

Você concorda que no material didático de EF adotado é dado um foco muito grande para a questão do poupar? (Pesquisadora).

Sim, esta é realmente a proposta do programa. Que essa criança tenha um uso consciente, mas que também perceba que podemos multiplicar esse dinheiro se a gente usar os recursos corretos (P1).

É. Eles trabalham com três tipos de sonhos (de curto, médio e longo prazo). E aí você faria três cofres, cada um para um tipo de sonho. Para os meninos isso não funciona. Durante o ano letivo a gente realiza um sonho de médio e um de longo prazo de modo coletivo. Mas eles (formadores) queriam que cada aluno fizesse o seu, mas a gente viu que não tem como, imagina eu com uma turma de 26 alunos, com 26 cofres na sala (P2).

Diante da concordância das participantes sobre a perspectiva predominante do material adotado sobre o poupar, questionamos se elas acreditam ser essa uma forma adequada de se trabalhar a EF. Destacamos a fala de P2 a seguir.

Hoje, eu já compreendo, talvez se não tivesse o livro eu trabalharia de outra maneira, mas como existe uma programação... Vejo que, a partir do momento que eles refletem sobre essa questão da poupança, eles refletem sobre todas as situações de consumo. Hoje eu já trabalho de um jeito mais leve, não coloco o livro como centro do meu trabalho, ele aparece, tem horas que a gente usa o livro, tem horas que a gente não usa (P2).

Ao fim das entrevistas, perguntamos como elas avaliavam a formação recebida e quais as contribuições desta para a sua prática pedagógica. Ambas afirmaram que a formação foi insuficiente para a construção de uma compreensão aprofundada sobre a temática, compreendendo ausência de uma base na formação inicial. Destacamos as falas das participantes no que concerne às contribuições da formação para a prática.

O uso consciente. O bom seria que todas as pessoas conseguissem administrar o seu dinheiro de uma maneira que conseguissem se realizar. Acho que é o sonho de todo mundo, pagar as dívidas e também

ter dinheiro para proporcionar lazer. Acho que temos que tentar equilibrar (P1).
A reflexão mesmo, levar os profissionais a refletirem. Porque a gente só consegue passar algo de uma forma mais sólida quando a gente acredita naquilo, quando pelo menos a gente compreende (P2).

Como visto na fala das participantes e segundo Chiarello (2014), a formação continuada deve incentivar a apropriação de saberes pelos professores na busca de uma autonomia que leve a uma prática crítica e reflexiva.

A pesquisadora compreende que a formação continuada precisa ser um processo permanente, integrado ao cotidiano da sala de aula, que tenha como objetivo principal formar o cidadão crítico com condições de se posicionar de forma consistente diante das problemáticas sociais e que seja capaz de enfrentar desafios.

Portanto, mesmo que ainda não haja especificações legais para formações de professores sobre EF, como apontado por Silva (2016), aspectos inerentes a qualquer formação como reflexão sobre a prática, criticidade nos posicionamentos frente às demandas sociais, contextualização de conceitos a partir do cotidiano dos sujeitos, troca entre os pares, entre outros, já nos mostram um caminho possível de percorrer para a discussão e desenvolvimento da temática junto aos professores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisar o processo de formação continuada em EF vivenciado por professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental foi o objetivo que direcionou o presente estudo a compreender como esse processo tem ocorrido e, conseqüentemente, influenciado a prática pedagógica das professoras participantes.

Em um primeiro momento, foram promovidas discussões a partir de orçamentos pessoais das participantes com o intuito de elucidar hábitos desejáveis/indesejáveis para o ensino de EF. Em outro momento,

a formação contemplou a apresentação do material didático (livros didáticos e paradidáticos) específico de EF baseado na metodologia da empresa privada que vende o material e a formação. Assim, durante os encontros formativos, a ênfase do trabalho girou em torno dos pilares dessa metodologia, que defendem o diagnóstico sobre a situação financeira, explicitação de sonhos, orçamento e poupança, ou seja, o ensino de conhecimentos econômico-financeiros (sem um viés educacional) com orientações sobre como obter, usar e poupar dinheiro.

Os dados analisados indicam a necessidade de ampliação das discussões referentes à EF no âmbito dos processos de formação, tendo em vista sua recente inserção no ambiente escolar e as fragilidades apresentadas tanto na revisão da literatura quanto no processo de formação continuada discutido no presente estudo.

Compreendemos que um processo formativo acerca da EF não deve consistir em formar indivíduos para trabalhar no mercado financeiro, tampouco focar apenas em finanças pessoais. O ensino (e a formação) de EF não deve ser voltado para conhecimentos pragmáticos, no qual se tem um passo a passo para resolução de qualquer tipo de situação financeira (com as opções de certo ou errado). Educar financeiramente (ou formar financeiramente) não significa necessariamente tomar sempre a “melhor decisão”, há variáveis que influenciam, como a situação financeira de cada sujeito, ou seja, o que seria a melhor escolha para o sujeito A pode não ser viável financeiramente para o sujeito B. Portanto, as escolhas se fundamentam, também, na realidade financeira na qual se encontra o sujeito. No entanto, ser educado financeiramente permite que o sujeito, dentre outras variáveis, frente às situações financeiras, possa refletir criticamente sobre as possibilidades de escolhas, pensando em alternativas e avaliando a melhor decisão para si sob alguma perspectiva.

O professor, ciente de seu papel, não vai sugerir ao aluno que é melhor poupar para comprar à vista ou, pelo contrário, que é mais importante satisfazer o desejo de consumo imediatamente. Este não é o seu papel na promoção da EF; ele deve, sim, ser um mediador, um favorecedor para a construção de uma cidadania crítica.

FINANCIAL EDUCATION IN THE EARLY YEARS OF ELEMENTARY SCHOOL: AN INSIGHT INTO TEACHER EDUCATION

Abstract

The following article, as a fragment of a broader study, aims to analyze the process of teacher education regarding Financial Education (FE) offered to teachers of the initial years of Elementary School. The method consisted in semi-structured interviews with two teachers who participated in the training. The results highlight restrictions in the process of continuous education, as it is based simply in the discussion of budgets and in the presentation of textbooks and books of FE. The emphasis of this article was focused on the teaching of financial-economical knowledge with orientations on how to obtain, use and save money. We highlight the importance of widening the discussions regarding FE in the range of processes of teacher education, not restricting the process to personal finances, much less directing the teaching practice to the teaching of how learners should behave.

Keywords: Financial Education. Teacher Education. Elementary School.

EDUCACIÓN FINANCIERA EN LOS AÑOS INICIALES DE LA ENSEÑANZA FUNDAMENTAL: UNA MIRADA PARA LA FORMACIÓN DOCENTE

Resumen

El presente artículo, tratándose del recorte de un estudio mayor, propone analizar el proceso de formación continua de Educación Financiera (EF) ofrecida a los profesores de años iniciales de la Enseñanza Fundamental. El método consistió en entrevistas semiestructuradas con dos profesoras que participaron de la formación. Los resultados evidencian limitaciones en el proceso de formación continua, basándose solamente en discusión de presupuestos y en presentación de libros didácticos y paradidácticos de EF. El énfasis del trabajo giró alrededor de la enseñanza de conocimientos económico-financieros con orientaciones sobre cómo obtener, usar y ahorrar dinero. Resaltamos la necesidad de ampliación de discusiones en relación a EF en el ámbito de procesos de formación de profesores, no restringiendo el proceso a finanzas personales, mucho menos direccionando práctica docente a la enseñanza de cómo estudiantes deben actuar.

Palabras clave: Educación Financiera. Formación Docente. Enseñanza Fundamental.

NOTAS

- ¹ Um cenário para investigação é aquele que convida os alunos a formularem questões e procurarem explicações (SKOVSMOSE, 2000, p. 06).
- ² Pontuamos que a formação continuada foi realizada no início do ano letivo de 2016 e a coleta da pesquisa teve seu início no segundo semestre do mesmo ano, por isso, em algumas respostas das participantes durante a apresentação e análise dos resultados, há referências às práticas já desenvolvidas em sala sobre a temática.
- ³ Código utilizado para denominar as participantes ao longo do estudo.

REFERÊNCIAS

- BRASIL Ministério da Educação. *Parâmetros Curriculares Nacionais*. Matemática. 1º e 2º ciclos. 1997.
- BRASIL: *Implementando a estratégia nacional de Educação Financeira*. 2010. Disponível em: <http://www.bcb.gov.br/pre/pef/port/Estrategia_Nacional_Educacao_Financeira_ENEF.pdf>. Acesso em: 24 ago. 2016.
- BRASIL. *Proposta da Base Nacional Comum Curricular*. 2017. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br>> Acesso em: 24 jan. 2018.
- CAMPOS, Marcelo Bergamini. *Educação financeira na matemática do ensino fundamental: uma análise da produção de significados*. 2012. 180 f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2012.
- CHIARELLO, Ana Paula Rohrbek. *Educação financeira crítica: novos desafios na formação continuada de professores*. 2014. 150 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Comunitária da Região do Chapecó, Chapecó/SC, 2014.
- CHIARELLO, Ana Paula Rohrbek; BERNARDI, Luci dos Santos. *Educação financeira crítica: novos desafios na formação continuada de professores*. Boletim GEPEN, Rio de Janeiro, nº 66, p. 31-44, jan./jun. 2015. Disponível em: <<https://docplayer.com.br/28589280-Educacao-financeira-critica-novos-desafios-na-formacao-continuada-de-professores.html>> Acesso em: 20 fev. 2018.
- GONÇALVES, Marco; CESCUN, Everaldo. *Ética e consumo: o consumo como estratégia ético-política*. Conjectura: Filos. Educ., Caxias do Sul, v. 18, n. 3, p. 155-165, set./dez. 2013.
- SÁ, Ilídio Pereira. *A educação matemática crítica e a matemática financeira na formação de professores*. 2012. 152 f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Universidade Bandeirante de São Paulo, São Paulo, 2012.
- SILVA, Amarildo. *Uma proposta de formação continuada de professores em Educação Financeira Escolar*. In: Encontro Nacional de Educação Matemática, 12, 2016, São Paulo. Anais São Paulo, 2016.
- SOUZA, Andréa. *Design e desenvolvimento de um curso de formação continuada para professores em educação financeira escolar*. 2015. 196 f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2015.
- SKOVSMOSE, Ole. *Cenários para investigação*. BOLEMA: Boletim de Educação Matemática, Rio Claro, n. 14, p. 66-91, 2000.
- TEIXEIRA, James. *Um estudo diagnóstico sobre a percepção da relação entre educação financeira e matemática financeira*. 2015. 160 f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015.

Enviado em 29 de maio de 2018.

Aprovado em 02 de julho de 2018.